

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
6 DE MARÇO
ANNO 1. N. 21.

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SILVEIRA & N. J. ESTRELLA
REDACTORES: DIVERSOS
Preços: por trimestre 24.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1871

LITTERATURA

Uma historia veridica.

QUE PARCHE.
UM CONTO PHANTASTICO.

Leocadio Cypriano Vaz era um moço de vinte e cinco para vinte e seis annos; alto, esgrouviado, magro, e por isso pouco elegante, mas tezo e aprumado como um tambor mor, e convencidissimo de que o cadencioso bambolear da sua esquelada figura era o typo do maior garbo e elegancia. Tinha um rosto, que se não podia chamar feio, todavia as prodigiosas proporções e inqualificaveis feições d'um nariz gigante tornavam-o bem pouco sympathico.

Muitas vezes a caprichosa natureza, parece que por um atroz accinte, se compraz assignallar n'uma parte da conformação do individuo, um certo cunho a que podem referir-se muitas faculdades da sua vida. Quem olhasse bem attento para a cara de Leocadio, tropeçava logo com aquella monstruosa piramide; e sem ser nenhum Lavater, exclamaria compungido—desgraçado nariz!

Na verdade o nosso homem nada tinha que agradecer á sorte.

No meio do curso da sua instrucção secundaria ficara orphão, e só a generosa protecção do seu padrinho, que era tabellião de um cartorio rendoso, deveu o não morrer ao desamparo e á mingua.

O tabellião levou-o para casa, e lá o teve a espremer no escriptorio até aos desenove annos, idade em que o ponde collocar em uma secretaria, na qualidade de amanuense da infima classe.

E' esta ainda a posição social em que o encontramos: verdade é que não ambicionava senão que o deixassem subir gradualmente e conforme lhe competisse por escalla; tinha tanta ingenuidade, que acreditava nas promoes regulares das nossas repartições

publicas. Era muito bom rapaz, singelo, credulo, affavel e cortez.

As suas aspirações eram a mais simples: de quando em quando escrevia uma noticiasiinha, uma patranha, que pedia a um periodigueiro, seu conhecido, lhe inserisse no jornal, mas sem lhe delatar o nome.

Toda a sua modestia e intimo gloria consistia em ir no dia seguinte, antes de se dirigir á secretaria, ao café do Marcos Philippe pedir o jornal, e gozar a sós, ali para um canto, de ver em letra redonda as engraçadas produções de seu espirito. Assim anonymo, uma ou outra vez lhe achavam graça á sua peca, o que de certo não aconteceria se elle deitasse o nariz de fóra.

Esta sincera e muda homenagem que prestava ao seu proprio talento, não atrasava o sua pontualidade do emprego publico mais de dez minutos, posto que elle repetisse a leitura, do que sabia de cór, por tres ou quatro vezes; era substancioso mas laco-nico.

Uma outra aspiração, que era o anelo mais ardente do seu ternissimo peito, o desejo mais vehemente de seu coração, o voto mais fervoroso da sua alma era... ter um, ter vinte namoros!

O papel da secretaria era recortado nos mais variados formatos, e adornado com uma letra de anjo, que exprimia sempre, com a fogosa eloquencia do *Secretario dos amantes*, a mais louca e incendiada de todas as paixões; depois era dobrado symbolicamente e ia para o armazem de retem,—o bolso furtado do fraque. Neste campo, o do amor, não se considerava Leocadio dos mais infelizes.

Dizia elle mesmo, que podia gabar-se, se quizesse ser tagarella, de ter feito um par de boas conquistas. E isto apezar do descommunal nariz!

Oh! versatilidade feminil, que insondaveis arcanos regem as leis do teu gosto! Ora... quem sabe? talvez alguma levasse o capricho a ponto de o

escolher pela singularidade daquella feição!

Foi ao fervoroso culto, que Leocadio Vaz consagrava ao bello sexo, que deveu o principio das amargosas horas que passou em torturas. e que serão o assumpto da nossa historia.

Estamos em uma das noites mais calmosas e abafadas do mez de Julho de 1853. Era já quasi meia noite e ainda numerosos ranchos percorriam as ruas da baiza dirigindo-se ao Terreiro do Paço, ou ao Rocio para procurarem sitio onde respiressem alguma aragem mais amena; mas era baldado intuito porque não conseguiam lograr outra viragem, que não fosse a que produzia o incessante abanar dos leques das senhoras, e o oscillar desesperado dos chapéus dos homens. que andavam todos de calva á mostra.

Oh! e que felizes eram os carecas! Já o relógio tinha batido as doze badaladas, que, como todos sabem, é o ruído da alvorada para bruxas e aventesmas, e o toque de reunir para alguns amantes felizes e desprendidos dessas scismas de bruxedos; já da *Lage* tinha desertado o maior numero, e ainda o nosso amigo Leocadio se deixava estar sentado em um d'aquelles assentos de pedra, que guarnecem o cáes, contando com toda a placidez o numero das cartas que tirara do bolso do seu casaco de lãzinha.

«Bravo, exclamou elle, não perdi hoje o meu tempo, descartei-me de cinco. O que dirão ellas quando encontrarem nos *indispensaveis* ou nas algebras aquellas palavrinhas doces? Ora não de querer conhecer o auctor; são todas curiosas e sabendo a gente aproveitar bem esse defeitosinho apañha muita... cousa! Emfim amanhã saberemos.

Agora vamos a ver se posso fallar á outra, que me prometteu esperar hoje á uma hora.»,

(Continúa.)

POESIA

MELODIA

(Conclusão.)

I

Subito,—quando já por sobre a terra
Mais profunda a mudez se derramava,
E no mais alto pincaro da serra
Do dia a luz extrema desmaiava—
Ouço gemer harmonico teclado
E em morbidos harpejos
Suave como o arrullo enâmorado
De pombo entre beijos.
E uma voz de mulher,—que voz tão luda!
Celeste e maviosa
A meus ouvidos estremece ainda!
Cantava uma canção triste e saudosa.
Brisa suave o adejo serenando
Em torno difundia.
As endeixas, que ao longe suspirando
O echo redizia

“Vem, saudade, doce amiga
De minha infancia feliz,
“Quero um pranto derramar
“Sobre teu negro matiz.

“Vem recordar o passado,
“De uma existência querida
“D’um novo mundo que tive
“Quando gosei outra vida,

“Saudade, doce perfume
“De uma flor que já murchou,
“Vem reviver em minha alma
“O que fui e o que hoje sou.

Escutando essa voz meiga e sonora
Saudando a tarde envolta em roseos véos,
Cuidáreis ouvir anjo que chora
Com saudades dos céos.

Então minha alma de pristo terrestre
Rompeu sorrindo os enfadonhos laços,
Enas azas de um extase celeste
Perdeu-se nos espaços.

IV

O’ divina melodia,
E’s do universo magia
E’s alma da criação;
E’s a voz da natureza
No praser ou na tristesa
E’s echo do coração.

E’s um effluvio dos céos,
Ou como um sopro de Deos,
Que a terra vem afogar,
O teu ineffavel canto
Derrama suave encanto
No céo, na terra e no mar.

Na vaga que mansa geme.
E na folhagem que fremo

Aos beijos da viração
No bramir da ventania
Pela floresta bravia
No seio dá solidão;

No perenne murmúrio.
Com que no grotão sombrio,
A fonte gemendo está;
Nas saudosas cantilenas
Com que por tardes serenas
Se lamenta o sabiá;

E nos gorgeios suaves,
Que entoam canoras aves
Pelas sombras do pomar,
No marulho da torrente,
Que despenha-se fremente
Entre pedras a brincar;

Em tudo que o mundo encerra
Nos céos, no mar e na terra
Revelas o teu poder;
Com mil accents sublimes
As harmonias exprimes,
Que creou o eterno ser;

A tua voz enche o espaço,
E nos mostra a cada passo
O poder de teu condão;
O’ divina melodia,
E’s do universo magin,
E’s alma da criação.

Porém és mais que um prodigio
Quando exprimes teu prestigio
Pela voz de uma mulher;
E em toda sua grandeza
Pelos labios da belleza
Revelas o teu poder.

Do paraíso aos umbraes
Com tuas mãos divinas
Então nos corres o véo:
E entre perfume e luzes
A escutar nos conduzes
A’s harmonias do céo.

Como da caçoula ardente
Sobe o incenso rescedente
Pelo templo a se perder,
E entre mysticos cantares
Vai pelos santosaltares
Pairando se esvaecer.

Tal por ti arrebatada
Me vón a mente enlevada
Pelo infinito a pairar;
E entre gozos ineffaveis,
Os mysterios adoraveis
Vai do empyreo devassar.

Quando na idade priméva
Do nada Deus tirou Eva,
Bafejou-a com amor,

Porque quiz elle fazel-a
A creatura mais bella,
Da natureza o primor.

Da côr de flôres mimosas
Tingiu-lhe as faces formosas,
Deu-lhe labios de carmin;
E nos olhos de luz pura
De meiguice e de ternura
Depoz thesouros sem fim.

Deu-lhe fôrmas seductoras,
E graças encantadoras
No sorriso e no olhar;
Porque a mente de Deus
A’ imagem dos anjos seus
A quiz em tudo formar.

Deu-lhe tudo:—mais ainda
Para tornar-a mais linda,
Mais digna de adoração,
Deu-lhe uma voz de sereia,
Uma voz que encanta, enleia,
Que echôa no coração.

Oh! divida melodia,
Tú és do mundo magia,
E’s do universo o prazer,
Se em toda sua grandeza
Pelos labios da belleza
Revelas o teu poder.

V

E ereis vós, senhora, que exhalaveis
Esses trinos de magica doçura,
A cujos sons suaves, ineffaveis

Fugiu minha amargura,
Como ao soprar a viração da aurora
Se esconde a ave que nas campas chora

E n’esses sons celestes
Não podeis saber, que doce calma,
Que balsamo trouxestes
Aos tristes soffrimentos de minh’alma:

Não sabe a fôr, q’ nasce em erva gruta
Se alguém lhe aspira o mystico perfume
Nem sabe o sabiá se alguém escuta
No bosque os seus queixumes.

Bernardo Guimarães.

12 de Dezembro de 1870.

padre Roberto, que ao verídico, historiador destes acontecimentos lhe é indiferente chamar a este personagem já de um modo já de outro, teve aviso que o barão de S. Yuste e sua família estavam nas immediações de Madrid, em uma casa de campo situada entre Fuencarral e Alcobendas.

O conde havia comprado ao arrendado esta solitária granja, escondida em um pittoresco valle, se pittorescos se podem chamar os valles que rodeiam a Madrid; já com o objecto de que seu amigo pudesse viver no seio de sua família, sem temor a espionagem da corte; já condusido por outras intenções que não eram faceis de comprehender.

Correu o bom religioso aos braços de seu melhor amigo: o estreitou sobre seu coração com o affecto de um verdadeiro pai; felicitou a sua esposa, encantou-se com o candor e pureza de Gabriela; e rio-se com as occurricias de Tula, que havia-se encarregado do papel de característica daquella errante família.

Depois de haver-se inteirado das vicissitudes soffridas; logo que soube o arrojio de Anselmo, aquem deviam sua salvação: os perigos vencidos atravez das montanhas: as perdas immensas ocasionadas pela confiscação dos bens, e outras mil circumstancias, todas dolorosas e interessantes, o padre Roberto encontrou palavras para tranquillizar aquella família, tão combatida pela fortuna e pela desgraça.

Ao final de tantos tormentos, principiava a vida tranquilla sob o manto da natureza, que lhes tornou a recordar os dias bonancosos que passaram no castello de S. Yuste.

A granja estava situada á entrada de um pequeno bosque de castanheiras, como essas cabanas de nipa que se descobrem nas selvas seculares das Carolinas, cobradas debaixo das sombras dos encalipsos. Um modesto arroyo serpenteava em um leito de verde musgo, indo escurecer suas crystalinas ondas em um tanque recamado de agua-pés. Em termo mais distante viam-se alguns semeados e alguns grupos de arvores, cujos ramos secos se estendiam como os languidos braços de um esqueleto.

Por cima das largas curvas que traçavam as serras visinhas apparecia, já a aguda flecha de uma torre parochial, já a velha chaminé de alguma cabana, lançando turtuosas columnas de fumo.

Fechava o horizonte pelo Norte o extenso Guadarrama, cujas elevadas pontas cubertas de neve, brilhava como a prata aos raios de um sol de inverno, e pelo Sul um espesso vapor, que não era outra cousa senão a respiração que exhalava Madrid, parecida á desses monstros que arrojam fumo pelas narinas e bocca.

Tal era o valle, onde se encontrava a família do barão de S. Yuste.

A granja era de um só andar.

As habitações estavam perfeitamente combinadas. Havia espaçosos dormitorios, sala de recebimento, gabinete de leitura e outros repartimentos tão uteis como destramente collocados.

Lavradas grades pintadas de verde, com habinellas pintadas da mesma côr, davam luz a aquella preciosa mansão.

Por um gosto original e caprichoso, o adorno da granja era de uma belleza rustica, onde a arte imitára o possível á natureza. Esta côr local, esta propriedade grafica, se é que se nos quer admitir a expressão, dava duplo realce a granja.

Poucos dias bastaram para que o barão se tranquillizasse n'aquelle retiro feliz, e para que sua família se encontrasse contente e satisfeita.

O conde de Malvar esperou que chegasse esta occasião, e depois de haver manifestado sua mais viva alegria, olhou ao barão como se aguardasse deste alguma resolução extraordinaria.

Crusaram algumas palavras e convieram em uma entrevista para a immediata noite.

Esta entrevista havia verificar-se na granja á meia noite, hora em que seus habitantes estariam dormindo.

Nenhum faltou a cita.

O padre Roberto, vestido á camponesa, pois este homem singular se acomodava á todos os trajos, chegou á granja á hora convencionada. O barão o esperava em uma porta falsa, e ambos penetraram em uma habitação separada do resto do edificio.

Os dois amigos sentaram-se cerca de uma mesa, onde uma bugia agitada sua pallida luz. Ambos pareciam pallidos e commovidos, se bem o padre Roberto, ou mais sereno ou mais dono de suas accões, occultava a vaga inquietação que, acaso pela voz primeira, brilhava no fundo de seus olhos.

— Chegon o momento, disse por ultimo o benedictino, de que se reúnem nossos esforços para conseguir um pensamento elevado, patriótico e poderoso. Nossas sociedades secretas, convieram em faser-nos os instrumentos da grande idéa para destruir a escravidão estrangeira que nos opprime: e segundo as ordens recebidas, devemos principiar ao instante.

— Acreditava, contestou o barão, que á minha chegada a esta granja me aguardariam novos trabalhos. Eis-me aqui disposto. Havendo feito obnegação de minha vida, por contribuir ao anniquilamento dessa aborrecida dominção, me tens preparado para correr todos os perigos; para lutar com armas intellectuales e materias; para morrer, já que se não possa vencer.

— Sempre haveis praticado assim, meu amigo, contestou o anciao com gravidade.

— Bem: saibamos do que se trata, perguntou o barão.

O benedictino baixou a voz e disse: — Dentro de dois dias, devemos partir para a França.

— Para a França!

— Taes são as ordens recebidas, meu amigo. A poderosa accção que desprendem nossos irmãos, deixa-se sentir em todas as partes. Longe de decahir o enthusiasmo, cresce: principia a sentir-se nas povoações a falta de comestiveis: e apesar da fome que nos ameaça, novos soldados correm á defender a patria: um fogo subterraneo se estende por toda a peninsula, para não permittir ao estrangeiro senão o palmo da terra que pisar; e já não bastou tresentos mil francezes, senão que o tyranno arrasta seus batallões do Vistula e do Danubio, para querer afo-

gar-nos com espessíssimas maças de infantaria e cavalleria. Onde quer que se levanta um convento, alli está o foco desse volcão que abrasa milloes de inimigos : onde quer que um irmão de nossa poderosa sociedade exerce sua influencia, alli se despertam as fagulhas de Viriato.

— Logo, crês em nosso triumpho ?

— O paiz que lutou oitocentos annos com incrível tenacidade para arrojás de Hespanha aos mouros, lutará agora com mais energia para destruir as cadeias com que pretendem manietal-o.

— Creio-vos; essas são minhas convicções exclamou o barão

— Nesse caso, ouvi-me. A empresa que está encomendada á nossa sagacidade e prudencia, é de tão immensa importancia, que ella por si só póde acabar a guerra no praso de um anno.

— Tende a bondade de communicarme-a disse o barão.

— Não é outra senão livrar a Fernando VII da escravidão em que jaz.

O barão abriu os olhos com assombro.

— Salvar ao rei ! exclamou, como se o atterrassem a grandesa do pensamento.

— Sim.

— Conde, já medistes a immensidade deste projecto ?

— Tudo está calculado com uma admiravel precisão : nada falta para que o exito seja favoravel. Não creias, meu amigo, que nossa obra é uma empresa nacional, senão europea. O mundo inteiro tem fixa seus olhos em nós. Canning disse: *que se frustra em Hespanha o projecto de Napoleão, é ceria sua queda. Socavemos, pois o pedestal do coloso. Um grão de areia póde servir para volcar o carro do triumphador.*

Havia tanta energia nestas palavras ; brilhava nos olhos do ancão um fogo tão vivo, que o barão de S. Yuste comprehendeu que alguma cousa de grande existia na imaginação infatigavel do conde de Malvar.

Isto o fez ouvir com mais confiança.

— Eu não posso fazer outra cousa, disse, senão augmentar minhas forças, fazer novos sacrificios, expôr minha pessoa e meus interesses.

— Esta é prova mais genuina do vosso nobre modo de pensar. Agora ouvi-me.

— Ouço-vos.

O beneditino proseguiu :

— Unidos com todos os inimigos de Napoleão, formamos em Hespanha uma associação immensa, que com infatigavel constancia mina e cava, os cimentos desse throno imperial que brotou de uma revolução sangrenta. Não ha ponto em Europa, donde nossos agentes não fermentem o odio. A Inglaterra nos envia seus dinheiros ; estamos alliados com o governo britannico, com o *Tugendbund* prussiano, e com o *Burchenschaft* allemão. Mil bandeiras se agitam nas trevas, proximas a tremular suas cores : movem-se todos os resortes : tocam-se todos os esforços, já seja o da forgima, levando um pouco de palha, já seja o do leão afilando suas garras para despedaçar. Adoptam-se todos os meios para vencer. Desde o punhal até á lança. Quando uma causa é justa, Deos permitta que um novo David, possa

manejar a funda para aplastar a cabeça de Goliat.

— Sei a crescente actividade que empregam as sociedades secretas consagradas aos nossos principios, contestou o barão ; porém nunca acreditei que estivessem trabalhando com tão poderosa influencia.

— É uma grande colmeia, onde os obreiros não cessam de edificar. Se bem em algumas associações, taes são as allemães principie a dominar um espirito de liberdade que com o tempo produzirá novas tendencias ; com tudo cada nação, cada provincia, cada povoação, cada individuo luta contra esses titâes que intentam escallar o céu. Em Hespanha particularmente, segundo a expressão de lord Canning, "o exercito francez poderã conquistar uma provincia, depois outra ; porém não é possível conservar nenhuma conquista, onde o conquistador não domina senão os pontos militares que occupa, onde sua autoridade está limitada ás fortalezas ou aos cantões que guarnece ; e quando adiante, de traz e aos costados não encontra mais que obstinado descontentamento, vingança premeditada, resistencia indomavel, odio de morte. Se Hespanha padeece, em troca, esta guerra custa á Franca mais do que lhe custaram as anteriores contra todo o resto da Europa." Outro inglez, Sheridan, acaba de dizer : "Bonaparte correu até hoje uma senda de triumphos, porque não teve que combater senão com principios sem dignidade, ministros sem prudencia, e paizes em que o povo não se interessava pelo triumpho de seus governos. Agora aprenderã o que é uma nação animada do espirito de resistencia. Vede aqui o quadro que offerece nosso paiz : só falta que salvemos ao rei.

As outuliasias expressões do beneditino fiseram latir o coração ardente e fogoso do barão.

— Sim, estou disposto a tudo. Quando havemos de marchar ?

— Amanhã : os agentes que temos nas mesmas dependencias do governo, nos facilitarão os passaportes, e uma cadeia de posta nos condusirá á fronteira. Vossa familia ficará em tanto, nesta mesma casa, protegida por amigos invisiveis.

— E havemos de comprehender só o difficil empresa que me annuncias ?

— Com tres homens mais.

— E onde se acham !

— Em Victoria.

— Sabe o rei do que se projecta ?

— Sim : Napoleão trata de fozer de nosso monarcha um Sibarita ou um Sardadapalo, para apagar de sua imaginação as affrontas que recebem e a coroa que lhe arrebatou. Fechado no castello de Valencez, pertencentes e Faileyrand, escrevem e este que não falte roupa branca, nem trem de cosinha, que lhe apresente varias senhoras, e procure relacionar-o com alguma. Esta carta será a base dos nossos projectos. Feriremos com as mesmas armas com que intentam ferir-nos. Já vês o que se trata com o nosso monarcha. Um desses principios turcos que entorpecem suas faculdades físicas e moraes por meio da sensualidade.

— Isso é horrivel, exclamou o barão.

— Logo que soube este sistema tão cheio